

INOMINAVEL OCUPAÇÃO

inominavelocupacao.tumblr.com

Agradecemos aos amigos, amantes, familiares, parceiros de travessia -
agradecemos a você que chega junto e se permite o encontro.

Somos o Teatro Inominável, uma companhia carioca nascida
em 2008 dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Esta Ocupação traz a você as criações que permanecem em repertório
após sete anos de trabalho e pesquisa nesta cidade.

Por meia dela, também compartilhamos as nossas buscas e investigações
éticas e poéticas.

Se aproximem. É tudo feito para você.

Squadções Inomináveis,

ADASSA MARTINS, ANDRÉAS GATTO, CAROLINE HELENA, CLARISSA MENEZES
DIOGO LIBERANO, FLÁVIA NAVES, GUNNAR BORGES, LAURA NIELSEN
MÁRCIO MACHADO, NATÁSSIA VELLO, THAÍS BARROS E THIAGO PIMENTEL.

O NARRADOR (2014)

A partir do ensaio homônimo de WALTER BENJAMIN, nesta performance, o inominável DIOGO LIBERANO, por meio do gesto de contar histórias, compartilha vivências suas relacionadas à morte de parentes e amigos.

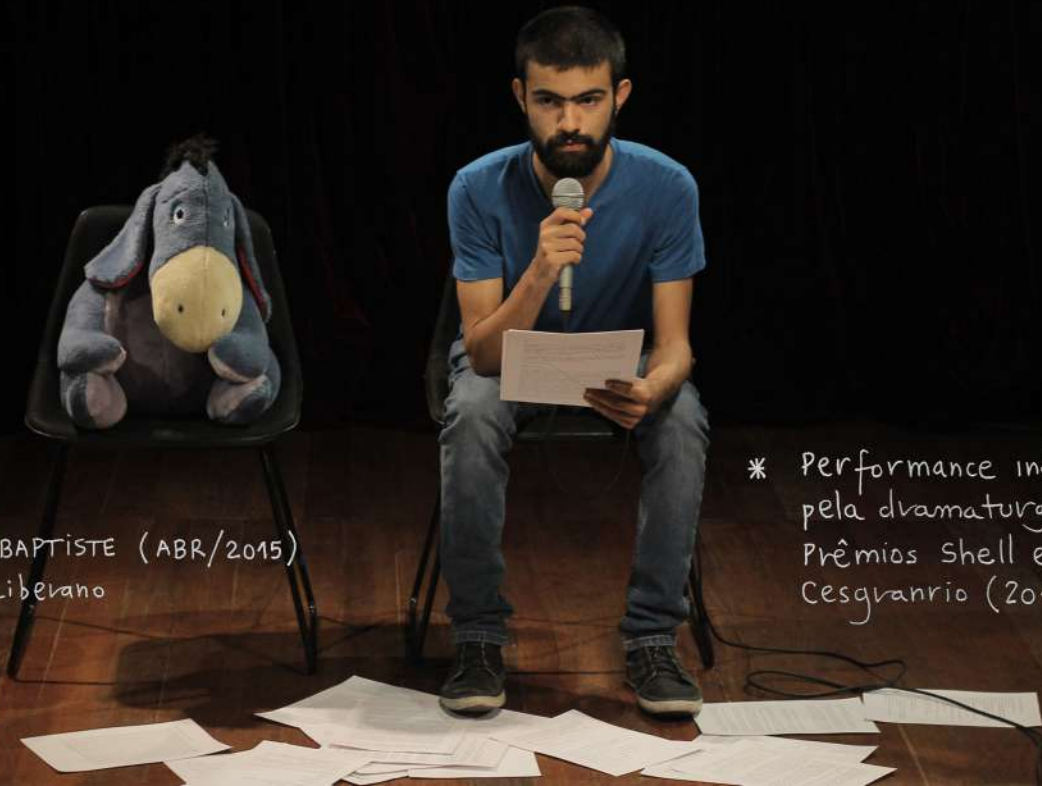


FOTO DE PHILIPPE BAPTISTE (ABR/2015)
Bizonho e Diogo Liberano

* Performance indicada,
pela dramaturgia, aos
Prêmios Shell e
Cesgranrio (2015).

SINFONIA SONHO (2011)

Criada a partir de O ANTI-ÉDIPO de GILLES DELEUZE e FÉLIX GUATTARI e do massacre de crianças ocorrido em Realengo em 2011, nesta peça acompanhamos o percurso de KEVIN (MÁRCIO MACHADO), um menino de 9 anos tomado pelo desejo de se tornar músico, por conta da peça teatral que ensaia em sua escola.

- * Peça indicada ao 2º PRÊMIO QUESTÃO DE CRÍTICA (2012) na categoria DIREÇÃO.



FOTO DE PABLO SABINO (SET/2015)
Adassa Martins e Márcio Machado

VAZIO É O QUE NÃO FALTA, MIRANDA (2010)

A partir de ESPERANDO GODOT de SAMUEL BECKETT, quatro atores-atrizes e um diretor tentam encenar a peça de Beckett, sem sucesso.

* NESTA OCUPAÇÃO, OS INOMINÁVEIS EXPERIMENTARÃO, A CADA APRESENTAÇÃO, UMA NOVA ~~SCENARIÇÃO~~ DO ELENCO.

→ CONFIGURAÇÃO

FOTO DE CAROLINA CALCAVECCHIA (OUT/2013)

Caroline Helena, Adalla Martins,
Natássia Vello e Flávia Naves



PROGRAMAÇÃO de 02 de MARÇO a 28 de ABRIL de 2016
quartas e quintas às 19h

O NARRADOR \\ Dramaturgia e Performance: Diogo Liberano Composição Musical: Angel, de Rodrigo Marçal Colaborações Artísticas: Adassa Martins, Caroline Helena, Flávia Naves, João Pedro Madureira e Natássia Vello Produção: Clarissa Menezes e Thiago Pimentel 50 minutos 16 anos	02 e 03 MAR 27 e 28 ABR
SINFONIA SONHO \\ Direção e Dramaturgia: Diogo Liberano Orientação de Direção: Eleonora Fabião Assistência de Direção: Thaís Barros Elenco: Adassa Martins, Andréas Gatto, Bel Flaksman, Caroline de Assis, Davi Palmeira, Gunnar Borges, Laura Nielsen, Márcio Machado e Virgínia Maria Cenário: Leandro Ribeiro Figurinos: Isadhora Müller e Marina Dalgalarondo Iluminação: Davi Palmeira e Thaís Barros Direção Musical: Philippe Baptiste Direção de Movimento: Caroline Helena Produção: Clarissa Menezes e Thiago Pimentel 95 minutos 16 anos	09 e 10 16 e 17 23 e 24 30 e 31 MARÇO
VAZIO É O QUE NÃO FALTA, MIRANDA \\ Direção e Dramaturgia: Diogo Liberano Elenco: Adassa Martins, Andréas Gatto, Diogo Liberano, Gunnar Borges, Laura Nielsen, Márcio Machado e Natássia Vello Assistência de Direção: Thaís Barros Cenário: Rafael Medeiros Figurinos: Adassa Martins e Natássia Vello Iluminação: Diogo Liberano e Thaís Barros Direção Musical: Philippe Baptiste Produção: Clarissa Menezes e Thiago Pimentel entre 60 e 90 minutos 16 anos	06 e 07 13 e 14 20 e 21 ABRIL

Durante a Ocupação no CCJF,
estaremos também numa plataforma virtual
onde compartilharemos registros e documentos diversos
acerca dos nossos sete anos de trabalho.

As inscrições para as ações a seguir podem ser realizadas
em nossa plataforma virtual:

inominavelocupacao.tumblr.com ←

OFICINA DE CENA, DRAMATURGIA E PERFORMANCE \\ Nesta oficina com duração de três dias, o diretor-dramaturgo Diogo Liberano, contando com a presença de atores e atrizes do Inominável, compartilhará reflexões e práticas a partir dos processos de criação dos trabalhos que se apresentam na Ocupação | 19, 20 e 21 de abril, de 14h às 17h30 na Sala de Cursos | Valor: R\$ 150

PTI – PERFORMANCE E TEATRO (INOMINÁVEL) \\ Encontros de criação do Inominável, abertos ao público (por meio de inscrição prévia), a partir dos tensionamentos entre teatro e performance. Junto ao estudo realizado com a companhia, serão concebidas ações performativas a serem realizadas na cidade do Rio de Janeiro | 06, 13, 20 e 27 de mar e 03, 10, 17 e 24 de abr, domingos de 14h às 18h na Sala de Cursos

REALIZAÇÃO

TEATRO
INOMINÁVEL \\

APOIO
INSTITUCIONAL



DIVULGAÇÃO



APOIO
CULTURAL



CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

16

Tema: processo seletivo
Conteúdo: suicídio,
violência, envolvendo
crianças e nudez

Não recomendado para
menores de 16 ANOS

Aquilo que se chama política da arte, portanto, é o entrelaçamento de lógicas heterogêneas. Há, em primeiro lugar, aquilo que se pode chamar "política da estética", ou seja, o efeito no campo político, das formas de estruturação da experiência sensível próprias a um regime da arte. No regime estético da arte, isso quer dizer constituição de espaços neutralizados, perda da destinação das obras e sua disponibilidade indiferente, encavalamento das temporalidades heterogêneas, igualdade dos sujeitos representados e anonimato daqueles a quem as obras se dirigem. Todas essas propriedades definem o domínio da arte como domínio de uma forma de experiência própria, separada das outras formas de conexão da experiência sensível. Determinam o complemento paradoxal dessa separação estética, a ausência de critérios imanentes às próprias produções da arte, a ausência de separação entre as coisas que pertencem à arte e as que não pertencem. A relação dessas duas propriedades define certo democratismo estético que não depende das intenções dos artistas e não tem efeito determinável em termos de subjetivação política.

FICÇÃO

Nesse quadro, há, em segundo lugar, as estratégias dos artistas que se propõem mudar os referenciais do que é visível e enunciável, mostrar o que não era visto, mostrar de outro jeito o que não era facilmente visto, correlacionar o que não estava correlacionado, com o objetivo de produzir rupturas no tecido sensível das percepções e na dinâmica dos afetos. Esse é o trabalho da ficção. Ficção não é criação de um mundo imaginário oposto ao mundo real. É o trabalho que realiza *dissensos*, que muda os modos de apresentação sensível e as formas de enunciação, mudando quadros, escalas ou ritmos, construindo relações novas entre a aparência e a realidade, o singular e o comum, o visível e sua significação. Esse trabalho muda as coordenadas do representável; muda nossa percepção dos acontecimentos sensíveis, nossa maneira de relacioná-los com os sujeitos, o modo

como nosso mundo é povoado de acontecimentos e figuras.

O romance moderno, assim, realizou certa democratização da experiência. Transgredindo as hierarquias entre sujeitos, acontecimentos, percepções e encadeamentos que governavam a ficção clássica, ele contribuiu para uma nova distribuição das formas de vida possíveis para todos. Mas não há princípio de correspondência determinado entre essas micropolíticas da redescrção da experiência e a constituição de coletivos políticos de enunciação.

As formas da experiência estética e os modos da ficção criam assim uma paisagem inédita do visível, formas novas de individualidades e conexões, ritmos diferentes de apreensão do que é dado, escalas novas. Não o fazem da maneira específica da atividade política, que cria formas de enunciação coletiva (*nós*). Mas formam o tecido dissensual no qual se recortam as formas de construção de objetos e as possibilidades de enunciação subjetiva próprias à ação dos coletivos políticos. Enquanto a política propriamente dita consiste na produção de sujeitos que dão voz aos anônimos, a política própria à arte no regime estético consiste na elaboração do mundo sensível do anônimo, dos modos do *isso* e do *eu*, do qual emergem os mundos próprios do *nós* político. Mas, à medida que passa pela ruptura estética, esse efeito não se presta a nenhum cálculo determinável.

Foi essa indeterminação que pretenderam ultrapassar as grandes metapolíticas que atribuíram à arte a tarefa de transformação radical das formas da experiência sensível. Elas quiseram fixar a relação entre o trabalho de produção artística do *isso* e o trabalho de criação política do *nós*, à custa de fazer deles um único e mesmo processo de transformação das formas da vida, à custa de a arte assumir a tarefa de se suprimir na realização de sua promessa histórica.

A "política da arte" é, assim, feita do entrelaçamento de três lógicas: a lógica das formas da experiência estética, a do trabalho ficcional e a das estratégias metapolíticas. Esse entrelaçamento também implica um entrançamento singular e contraditório entre as três formas de eficácia que tentei definir: a lógica representativa que quer produzir efeitos